

Máscaras da alteridade

Maria Aguilera Franklin de Matos

Resenha de J.-P. Vernant, *A morte nos olhos: a figura do Outro na Grécia Antiga*, Trad. Mariana Echalar, São Paulo, Editora Unesp, 2021, 127p.

166

PERCURSO 73 : dezembro de 2024

Publicado originalmente em 1986, *A morte nos olhos: a figura do Outro na Grécia Antiga* é um dos frutos da pesquisa de Jean-Pierre Vernant sobre as maneiras com que os gregos representaram o divino. Atentando-se aos deuses que eram figurados por máscaras – Ártemis, Dionísio e Gorgó (a Medusa)¹ –, o estudioso irá buscar o que essas três figuras tão diversas têm em comum. Sua hipótese é que tais divindades mascaradas relacionam-se com a ideia de “alteridade”, isto é, tratam, cada uma à sua maneira, “da experiência dos gregos com o Outro, sob as formas que estes deram a ele” (p. 12). A nova tradução de Mariana Echalar, publicada pela Editora Unesp, acrescenta ao texto do helenista uma interessante conversa do autor com o psicanalista Pierre Kahn, que não apenas ajuda o leitor a alcançar um tanto dos pressupostos de Vernant mas também aponta para as aproximações e divergências entre as ideias do helenista e as interpretações psicanalíticas clássicas do mundo grego.

Antes de nos determos no livro, porém, é necessário darmos alguns passos atrás para situá-los,

obra e autor, no momento histórico do qual participam. Assim, poderemos também pensá-los do ponto de vista de nosso tempo e das questões que se apresentam a nós hoje. Historiador e antropólogo especialista em Grécia Antiga, Jean-Pierre Vernant renovou na segunda metade do século xx a compreensão dos mitos da Antiguidade, pois, numa palavra, diferentemente de seus predecessores, buscou analisá-los à luz das múltiplas relações que teciam com as estruturas políticas, sociais, culturais etc. que lhes eram contemporâneas. Além disso, Vernant também foi militante comunista, juntou-se quando jovem à Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial e mais tarde fez parte do comitê de intelectuais contra a Guerra da Argélia²; é, portanto, diante dos acontecimentos que marcaram sua geração – as guerras e o colonialismo europeu – que o helenista irá se interessar pelo modo como o mundo grego lidava com a figura do outro (p. 90).

No meio psicanalítico, Vernant ficou conhecido por seu texto de 1967 “Édipo sem complexo”³, que, na época, tratava de responder a um artigo de Didier Anzieu, no qual o psicanalista interpreta a tragédia de Sófocles *Édipo Rei* advogando pela pertinência da leitura freudiana do mito de Édipo e de outros mitos gregos⁴. Adepto de uma “psicologia histórica”, que busca compreender a construção do psiquismo considerando a condição temporal dos sujeitos, Vernant discorda da leitura psicanalítica que transforma o mito de Édipo – e sua versão dramática feita por Sófocles – em uma metáfora universal da psique humana e do desejo inconsciente, pois, segundo ele, o mito na cultura grega se relacionaria com questões mais amplas, de ordem coletiva, política e religiosa. Pareceu-me importante resgatar esse debate com a psicanálise pois, além de ele reaparecer com outra feição e de forma indireta em *A morte nos olhos*, o questionamento da universalidade do complexo de Édipo é hoje assunto central para nós psicanalistas⁵.

Como antropólogo helenista, é evidente que a preocupação de Vernant era a de compreender a cultura grega em sua singularidade e complexidade,

Maria Aguilera Franklin de Matos é psicanalista, tradutora e mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. É aluna do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

enquanto a de Freud era a de formular um modelo capaz de explicar a sexualidade humana que ele encontrou em sua atividade clínica. A posição de Vernant, porém, não é a de um ataque à psicanálise: em sua entrevista com Pierre Kahn, ele admite os possíveis ecos da teoria psicanalítica – que, como sabemos, marcou presença na produção intelectual da França do século xx – em seu trabalho (p. 113). Seja como for, o estudioso trata de questionar o fato de que “a psicanálise possa propor um modelo de interpretação de valor geral, e que seja apenas questão de aplicá-lo” (p. 114). Ainda segundo Vernant, assim como a psicanálise, a antropologia também trabalha com modelos, mas faz parte do ofício do antropólogo desconfiar deles, posto que cada cultura, local e tempo tem características específicas que não podem simplesmente ser equiparadas às nossas (p. 113).

O texto de Vernant sobre a figura do Outro na Grécia Antiga parte, portanto, de uma preocupação com o exame das particularidades de cada aspecto do mundo grego. Ao que parece, são três as divindades representadas por máscaras ou cujos cultos incluíam máscaras – Ártemis, Dionísio e Gorgó –, e o estudioso constata que todas têm alguma relação com a maneira como os gregos pensavam a alteridade. Ora, a máscara é uma peça que cobre o rosto e oculta a própria identidade; com uma máscara tornamo-nos outro. Não

à toa uma das divindades mascaradas é Dionísio, deus do teatro, do disfarce, da dissimulação, da embriaguez, da brincadeira, do transe e do êxtase (p. 13). No entanto, apesar de se referir a Dionísio, neste estudo Vernant irá se deter sobretudo em Ártemis e na figura das Górgonas.

Filha de Zeus e Leto, irmã gêmea de Apolo, Ártemis é a deusa da caça, da vida selvagem, mas também da virgindade, do parto e dos jovens ainda não integrados à sociedade. O primeiro apontamento de Vernant a seu respeito é certo aspecto duplo que seria próprio da deusa – suas caracterizações nos textos gregos contam com significantes contrários: “doce flecha” e “terna morte” são exemplos disso. Para além das controvérsias acerca de sua origem – uns acham que a deusa é uma forasteira, outros consideram que tem raízes gregas –, Ártemis era chamada de estrangeira (*knesé*) por sua “estranheza”, pela distância que a separa dos outros deuses do panteão (p. 16). Trata-se de uma divindade que habita os montes, os bosques, as terras não cultivadas, as regiões costeiras, os pântanos e lagunas, lugares “onde os limites entre terra e água são indefinidos”. Assim, mais do que espaços que representam “uma alteridade radical em relação à cidade e às terras humanizadas”, são “confins, zonas limítrofes, fronteiras onde o Outro se manifesta no contato regular que se tem com ele, onde o selvagem e o cultivado se encontram, opondo-se, mas, sobretudo, interpenetrando-se” (p. 17).

Aqui, vale lembrar que, por motivos diversos, “o outro”, “o diferente”, na sociedade grega, que tinha por referência o modelo do cidadão adulto (sempre homem), eram os bárbaros, os estrangeiros, os escravos, os jovens e as mulheres. Dessa forma, é claro que os gregos também relegaram diversos grupos às margens da humanidade. No entanto, também se deve notar que, segundo Vernant, as práticas institucionais e as crenças desse mundo parecem sempre encontrar uma maneira de reintegrar aqueles que ele mesmo rechaça. Com isso, o antropólogo quer dizer que, em contraposição ao que se viu nos últimos séculos, na Grécia Antiga a exclusão do outro, sem

- 1 As górgonas eram representações de uma máscara frontal e monstruosa que aparecem em vasos, fachadas de templos e textos gregos. A Medusa, figura conhecida entre nós, é uma das górgonas da mitologia grega.
- 2 Comitê no qual ficou amigo de Jean-Bertrand Pontalis. In Jean-Pierre Vernant, *Rencontres avec JB Pontalis*, Paris, France Culture, 12 jul. 2012. Programa de rádio. Disponível em: <<https://www.radiofrance.fr/franceinter/podcasts/rencontres-avec-jb-pontalis/rencontres-avec-jb-pontalis-jean-pierre-vernant-1-2-9749282>>.
- 3 J.-P. Vernant, “Édipo sem complexo”, in J.-P. Vernant; P. Vidal-Naque, *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, Duas Cidades, 1977, p. 63-80.
- 4 D. Anzieu, “Cédepe avant le complexe ou de l’interprétation psychanalytique des mythes”, in D. Anzieu et al., *Psychanalyse et culture grecque*. Paris, Les Belles Lettres, 1980, p. 9-52.
- 5 O debate, contudo, já tem sua história, e, não à toa, o texto de Vernant é citado por Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*. G. Deleuze; F. Guattari, *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Editora 34, 2010.

deixar de ser escravidão ou subjugação, “não tem caráter de negação apaixonada, de ódio fanático, que proíbe qualquer contato ou comércio com ele, ou processos regulares, acolhida e presença de grupo”. Isto é, parecia haver uma ideia de “tolerância” entre os gregos que se perde na Europa moderna. Noutras palavras, é como se mesmo hierarquizado, o mundo grego não se encaminhasse para uma aniquilação dos seus outros, podendo mesmo ser capaz de “um distanciamento em relação a si mesmo, uma abertura crítica”, que levou Heródoto, por exemplo, a admirar costumes dos egípcios e etíopes, quando comparados com os dos próprios gregos (p. 91).

A esse respeito, e voltando a Ártemis, a “Soberana das Margens”, veremos como a divindade parece ser justamente uma figura que desempenha um papel de trânsito e troca entre o mesmo e o outro para os gregos. Ela articula, por exemplo, o campo do selvagem, do não cultivado, com o da cidade e da cultura.

Cabe agora falar de outra divindade, que ocupa lugar ainda mais central no ensaio e que traduz um tipo de alteridade bastante diverso: a Górgona representa a alteridade extrema, a experiência do *absolutamente outro*: “não mais o humano diferente do grego, mas o que se manifesta, em relação ao ser humano, como diferença radical: em vez do outro homem, o outro do homem” (p. 31). Trata-se de uma figura que joga com as misturas entre o humano e o bestial: uma enorme cabeça com olhos arregalados, olhar fixo e penetrante, nos cabelos um emaranhado de animais ou serpentes eriçadas. Assim, “nessa subversão dos traços que compõem a figura humana, ela exprime, por um efeito de inquietante estranheza, um monstruoso que oscila entre dois polos: o horror terrífico e o risível grotesco” (p. 34). Esse outro absoluto, ainda, relaciona-se com a própria morte: a máscara da Górgona exprime “o que a morte comporta de além em relação ao que pode ser feito ou dito a respeito dela, esse ‘resto’ diante do qual só se pode ficar mudo e paralisado: fascinado, transformado em pedra” (p. 92-93).

As questões apresentadas pelo helenista envolvendo as Górgonas são muitas e não seria possível retomá-las todas aqui, pois aparecem de muitas formas nos textos e nas imagens gregas. Para citar alguns exemplos, na *Iliada*, a Górgona aparece na guerra: nos escudos de Atena e Agamêmnon e no próprio olhar do príncipe troiano Heitor, quando este “gira os cavalos, espalhando morte na multidão” (p. 43); na *Odisseia*, é a Górgona quem preserva a alteridade do mundo dos mortos, impedindo que os vivos penetrem no Hades (p. 51); a *Teogonia* conta o mito de Perseu, herói que ousou enfrentar o olhar da monstruosa Medusa e decapitá-la.

É essa história de Perseu e da Medusa que nos transporta novamente ao debate com a psicanálise, por meio do breve texto de Freud, datado de 1922, *A cabeça da Medusa*. Neste, o psicanalista interpreta de forma sucinta o tema mitológico da horripilante cabeça da Górgona fazendo uma equivalência entre “decapitar” e “castrar”. O horror à Medusa seria, portanto, o horror à castração, ligado à visão de algo: o genital feminino da mãe. Ainda segundo Freud, os cabelos de serpente também apontariam para o complexo de castração e, ao contrário do que poderíamos crer, na verdade contribuiriam para mitigar o horror, pois substituiriam o pênis, cuja falta seria a verdadeira causa do afeto terrificante. Por fim, o transformar-se em pedra daquele que cruza o olhar com a Medusa também estaria ligado à castração, já que haveria uma equivalência entre a ereção e a rigidez do espectador, que funcionaria como a garantia de ainda ter um pênis⁶.

Em *A morte nos olhos*, Vernant não menciona as interpretações freudianas do tema mitológico da górgona Medusa. No entanto, quando indagado por Pierre Kahn acerca das diferenças e possíveis aproximações de sua leitura com a de Freud, Vernant novamente trata de discordar do psicanalista, pois este operaria com categorias alheias ao mito. Em nenhum momento o tema da castração foi suscitado pelo material abordado na pesquisa do helenista e, assim, ele não acredita que decapitar seja o mesmo que castrar,

que os “cabelos longos” ou as serpentes correspondam ao falo etc. O estudioso menciona sua “extrema relutância a essa série de identificações em cadeia” e sua desconfiança com “toda forma de interpretação simbólica imediata e universal” (p. 103). De fato, a castração, a inveja do pênis etc. é outro constructo teórico que Freud tratou de universalizar, embora tal hipótese tenha sido desde sempre refutada, quanto a sua pretensão generalizante, por alguns psicanalistas e teóricos de outros campos.

Dito isso, parte da interpretação de Vernant parece-me servir muito a nós psicanalistas, não pela via do complexo de Édipo ou do complexo de castração, mas por meio da *inquietante estranheza* do monstruoso da Medusa. Sua figura é a mistura do que normalmente é separado, insere-se na categoria daquilo que para os gregos é monstruoso, o híbrido. Os efeitos da máscara da Górgona produzem uma inquietante estranheza pois dizem respeito ao olhar do outro que captura; transformamo-nos em pedra mediante um fascínio terrífico, em um jogo de identificação com a alteridade radical. Vernant retoma a concepção grega da visão, do olhar, do olho – lembra que Platão diz: “Quando olhamos no olho

de alguém que está em face de nós, nosso rosto se reflete no que chamamos de pupila como num espelho: aquele que olha vê ali a sua imagem [*eidolon*, simulacro, duplo]” (p. 110). Encarar a Medusa seria como encarar um espelho, ver-se a si mesmo, ou ver aquilo que “em mim é já o outro: o que está além de mim [...] a morte em face” (p. 111). Assim, a Górgona traduz “o horror terrífico do que é absolutamente outro, o indizível, o impensável, o puro caos”; enfim, o próprio confronto com a morte (p. 12). O psicanalista certamente ouvirá ecos profundos de tal reflexão em temas que lhe são caros.

Para concluir, digamos que, em *A morte nos olhos: a figura do Outro na Grécia Antiga*, a própria questão da alteridade, tema do livro, reflete-se no procedimento do antropólogo, que busca o mais possível se desfazer das categorias de seu tempo para tentar deixar falar o outro, o mundo grego, seguindo as pistas de seu próprio modo de ser, que não necessariamente coincide com o do pesquisador. Esta me parece ser, também, uma das atitudes mais fecundas da psicanálise: seu esforço – a ser sempre renovado – de pôr-se à escuta do outro, do que é singular e do que fica às margens.

6 S. Freud, “A cabeça da Medusa”, in *Obras completas*, v. 15, Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 326-28.